

A outra pele: S-NAKED, de Mirta Kupferminc

The other skin: on S-NAKED, by Mirta Kupferminc

TOVA SHVARTZMAN

Psicanalista, socióloga e professora de História Judaica.

Resenha da obra S-NAKED, da artista plástica Mirta Kupferminc, exibida nas cidades de Buenos Aires e Nova York em 2014.

Traduzido do espanhol por Rafael Bán Jacobsen

NÓS FOMOS MOLDADOS POR MITOS ANCESTRAIS.

Vozes antigas que se aninham em textos sacralizados.

Mitos que hoje revelam sua débil sobrevivência, mas que, ainda assim, ressoam em um fértil revivificar.

Essa nova vida dos mitos floresce no campo da arte, em que novos invisíveis se fazem visíveis. O resgate das produções que os séculos acumularam sobre os textos provê estímulos para novos olhares.

A pós-modernidade construiu outros mitos. Entre eles, a certeza de um prazer total, e a eternidade do corpo que não envelhece, em que o novo Deus tem um novo nome: a ciência.

Entre os saberes, os mitos e a ciência são portadores de diferentes respostas perante o mistério do real e da origem, o real do sexo, o real da morte.

O relato sobre Eva, a primeira mulher e a primeira mãe, no Gênesis, combina as três perguntas.





Escrito em hebraico, em frases curtas e claras, provoca esse efeito de uma linguagem que é significado e que evoca interpretação. Invocada por exegetas e crentes, feministas e misóginos, psicanalistas e filósofos, literatos e artistas, Eva faz crer, aos que leem, que não se trata só de palavras escritas. A Eva imaginada a partir do simbólico toca o real da condição humana.

A verdade tem estrutura de ficção. Uma ficção que, no desenvolvimento do relato, gerou inúmeros textos sobre o Texto.

Nele, Eva se eleva como protagonista e instrumento.

No cenário do JARDIM DO ÉDEN, assistimos à ruptura com o instinto, sempre repetido, sempre igual. Essa ruptura é o insondável tempo do Gênesis, é efeito da palavra e gera desejo.

O quarteto de atores, Deus, a Serpente, Adão e Eva, move-se em passos de comédia que pressagiam a tragédia.

Como em toda comédia, o mal-entendido reina.

E é por causa do mal-entendido que o desejo se infiltra...

Em Eva, nutre-se a ambiguidade deste Deus que diz: “Não comereis da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal... porque, senão, morrereis...”. E



não diz nada sobre a outra árvore, a Árvore da Vida, aquela que, ao comer-se o seu fruto, daria a eternidade sem Morte.

Mais uma prova de que a proibição gera o objeto de desejo...

A tradução do hebraico trai o sentido múltiplo de “conhecimento” (*daat*). “Conhecer” significa também – e sobretudo – o ato sexual no casal.

Não qualquer ato. É aquele ato pressupõe a união nos termos da Lei, a que une homem e mulher em “uma só carne” e que garante a continuidade de um vínculo.

Outros são os termos que, em hebraico, usam-se para se referir à relação sexual só com sentido carnal.

Conhecer (“E Adão conheceu a Eva...”) é também o caminho para conceber filhos.

Eva é a portadora da aparente causa da Expulsão e da Morte. E, ao mesmo tempo, é a portadora real dos filhos, da Vida e da História que começa ao se fecharem as portas do Jardim do Éden.

O mito traça o que os homens têm falado da mulheres ao longo dos séculos: o perigo, a ameaça e o sublime.

Ninguém é inocente no Texto... Nem Deus, que, por sê-Lo, sabe do comportamento da sua Criação; nem a Serpente, que incita a tomar literalmente as palavras divinas; nem Eva, que escuta a Serpente; nem Adão, que é capaz de dizer: “Ela (Eva) me incitou...”.

Ninguém é inocente em seu desejo. Como diz

o *Talmude*: “É preciso assumir a responsabilidade, mesmo pelos seus atos involuntários.”

Responsabilidade subjetiva que implica escolha.

Alguns *midrashim*, que analisam e interpretam o texto de Gênesis, surpreendem por sua audácia e captação dos caprichos do desejo humano.

No *midrash* em que Eva copula com a Serpente, são colhidas versões de outros mitos, usando palavras do texto original para interrogar a sexualidade da mulher.



Diversas culturas, não só a judaica, têm visto, na Serpente, o perigo noturno por excelência. Não o perigo de morrer, mas o perigo de se deitar com ela e experimentar um misterioso prazer sexual.

Um PRAZER desconhecido, atribuído às mulheres, que, parafraseando o *Talmude*, os homens temem: “A mulher goza dez medidas mais do que o homem.”

Eco de Tírésias, que, a cada sete anos, transforma-se em mulher ou homem, cego por ter visto duas serpentes copularem, sabedor de como gozam os dois sexos.

É Eva é então (mais uma vez) quem provocou também a bela pergunta freudiana: “*Was will das Weib?*” (“O que uma mulher quer?”).

A obra de Mirta Kupferminc (S-NAKED) penetra no território do “continente desconhecido” de Eva.

Como a flecha do arqueiro Zen, esta obra atinge o alvo, não pela boa visão do arqueiro, mas pe-

la pontaria de quem atira.

Tornar visível o invisível...

Sem trair a escritura em que o trabalho se baseia, em S-NAKED tudo parece obedecer a literalidade do texto.

Nossa visão pousa sobre as profusões coloridas do Jardim do Éden e seus atores.

Contudo... há algo mais...

O espelho que aparece em outro plano, no chão, nos dá a pista... Não é o mero reflexo do que se vê no plano vertical. É outro olhar...

Por efeito da anamorfose, aparece a Causa.

O Nome, o Tetragrama, impronunciável mas escrito, forma suas letras a partir da Serpente (ou seria o contrário?) e nos convoca à releitura do mito.

S-NAKED desnuda o texto do Gênesis... e um véu dos nossos olhos cai.

Recebido em 01/07/2014

Aceito em 18/12/2014

